Revista Macambira

# Pobreza menstrual: percepções de docentes das disciplinas de ciências e biologia da educação básica de Feira de Santana, Bahia

**Joyce Vitória Soares Souza**[1], **Alessandra Alexandre Freixo**[2]*


## RESUMO

O presente trabalho analisou as percepções de docentes de escolas do município de Feira de Santana/BA sobre a pobreza menstrual, considerando os vários contextos socioeconômicos e socioculturais vividos por estudantes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando o questionário online como instrumento de produção de dados, incluindo questões abertas e fechadas, divididas em seções, sendo uma específica à abordagem do sistema genital, outra à menstruação, e uma última dedicada à pobreza menstrual. Nos resultados, foi possível observar um amplo conhecimento sobre como desenvolver os conteúdos de sistema genital, e uma pluralidade de respostas sobre a menstruação e a pobreza menstrual, em que pessoas menstruantes demonstram maior familiaridade sobre estes tópicos. Desse modo, torna-se fundamental que pessoas não menstruantes ampliem suas percepções em torno do assunto, de modo a repensar a compreensão do ato de menstruar como algo estranho, ressignificando o processo de normatização de corpos numa sociedade binária.

**Palavras-chave:** Menstruação. Sistema Genital. Docentes.

## Menstrual poverty: perceptions of science and biology teachers in basic education from Feira de Santana, Bahia


## ABSTRACT

The present work analyzed the perceptions of teachers from schools in the city of Feira de Santana/BA about menstrual poverty, considering the various socioeconomic and sociocultural contexts experienced by students. This is a qualitative research, using the online questionnaire as a data production instrument, including open and closed questions, divided into sections, one specific to the genital system, another to menstruation, and the last dedicated to menstrual poverty. In the results, it was possible to observe a broad knowledge about how to develop genital system content, and a plurality of responses about menstruation and menstrual poverty, where menstruating people demonstrate greater familiarity with these topics. Therefore, it is essential that non-menstruating people broaden their perceptions on the subject, in order to rethink the understanding of the act of menstruating as something strange, giving new meaning to the process of normalizing bodies in a binary society.

**Keywords:** Menstruation. Genital system. Teachers.

## Pobreza menstrual: percepciones de docentes de ciencias y biología en educación básica de Feira de Santana, Bahia


## RESUMEN

El presente trabajo analizó las percepciones de docentes de escuelas de la ciudad de Feira de Santana-BA sobre la pobreza menstrual, considerando los diversos contextos socioeconómicos y socioculturales vividos por los estudiantes. Se trata de una investigación cualitativa, utilizando como instrumento de producción de datos el cuestionario online, que incluye preguntas abiertas y cerradas, divididas en secciones, una específica al aparato genital, otra a la menstruación y la última dedicada a la pobreza menstrual. En los resultados, fue posible observar un amplio conocimiento sobre cómo desarrollar contenidos del sistema genital, y una pluralidad de respuestas sobre la menstruación y la pobreza menstrual, donde las personas que menstrúan demuestran mayor familiaridad con estos temas. Por lo tanto, es fundamental que las personas que no menstrúan amplíen sus



[1] Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora da Escola Nova Geração, Feira de Santana, Bahia, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9194-4505. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9356390997932644.

[2] Doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ). Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, BA, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3566-8302. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2938127472069668. *Autora correspondente: aafreixo@uefs.br.



**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

percepciones sobre el tema, para repensar la comprensión del acto de menstruar como algo extraño, dando un nuevo significado al proceso de normalización de los cuerpos en una sociedad binaria.
**Palabras clave:** Menstruación. Sistema Genital. Profesores.

## INTRODUÇÃO

Falar sobre menstruação nunca foi algo simples e fácil, rodeada por tabus e sem ser abordada de forma clara e repleta de preconceitos, a menstruação sempre foi vista como algo que acontece apenas com mulheres cis, deixando de lado homens trans e pessoas não binárias, que não se enquadram na sociedade machista, sexista e consequentemente binária, e devido a determinadas situações diárias, a menstruação se torna uma ocasião angustiante e que não deve ser vista ou falada em público para não causar incômodos. Na escola não é tão diferente, muitas pessoas menstruantes[3], por falta de conhecimento sobre como seu corpo funciona fisiologicamente, muitas vezes não sabem como agir diante dos dias de ciclo menstrual, não entendem de que maneira devem se portar perante um ciclo forte e até mesmo de que maneira utilizar determinados materiais que irão agir como auxílio para lidar e viver com dignidade esses dias.

Diante de tantas problemáticas rodeando os assuntos sobre menstruação, uma das maiores questões é o acesso à saúde e aos produtos de higiene. O acesso à saúde, como também a higiene pessoal (entre elas, a menstrual), deve ser considerado um direito e tratado como uma questão de saúde pública. Diante disso, a pobreza menstrual, que diz respeito à falta de condições, capacidades econômicas e de práticas higiênicas de forma apropriada, deve-se à falta de itens básicos, como o acesso a absorvente, infraestrutura, saneamento básico e informação sobre a menstruação como processo natural do corpo menstruante.

Segundo dados coletados do Relatório do Programa Conjunto de Monitoramento da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do UNICEF intitulado "Progressos sobre água, saneamento e higiene: 2000-2017: Foco especial nas desigualdades"[4], grande parte da população não dispõe dos serviços de saneamento básico de forma adequada, acredita-se que cerca de 2 bilhões de pessoas não têm água potável e que 3 bilhões não possuem condições básicas para sua higienização (OMS; UNICEF, 2017).

A pobreza menstrual, além de causar problemas à saúde física e psíquica de várias pessoas, perpetua a desigualdade de gênero. Sem realizar o controle da menstruação, pessoas abandonam a escola, o que consequentemente prejudica seu desempenho escolar. Segundo a

[3] A expressão "pessoas menstruantes" é utilizada aqui porque além das mulheres e meninas CIS, homens transexuais e pessoas não binárias podem menstruar.
[4] Título original, em inglês: "Progress on drinking water, sanitation and hygiene: 2000-2017: Special focus on inequalities".


Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

Organização das Nações Unidas (ONU), por volta de 10% das meninas perdem aula quando estão menstruadas (Assad, 2021).

Dessa maneira, saber como e o que docentes[5] de Ciências e Biologia pensam sobre a pobreza menstrual e como eles lidam com situações envolvendo esse assunto torna-se fundamental para embasar uma prática docente sensível à diversidade de corpos em sala de aula, de modo a desenvolver um olhar empático com estudantes menstruantes, suavizando a vivência desse público no âmbito escolar e até mesmo evitando a evasão e possibilitando que passem pelo ciclo menstrual de forma menos agressiva, invasiva e até mesmo constrangedora.

Assim, nosso objetivo foi compreender as percepções que docentes de ciências e biologia possuem sobre a pobreza menstrual, identificando ações tomadas por eles(as) diante de situações relacionadas à menstruação, que podem ocorrer no cotidiano de uma sala de aula. Especificamente, visamos investigar como docentes abordam o assunto "sistema genital" em suas aulas, bem como conhecer suas abordagens, percepções e experiências em torno da menstruação e da pobreza menstrual, visando compreender se e como esse tema vem sendo abordado de modo a contextualizar o ensino sobre o sistema genital e o corpo na educação básica.

## METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado com docentes atuantes em escolas do município de Feira de Santana, Bahia, em diferentes ambientes escolares (escolas públicas e privadas), com o intuito de identificar as dificuldades e desafios enfrentados por docentes no ensino de Ciências e Biologia ao abordar assuntos como o sistema genital, menstruação e pobreza menstrual em escolas de ensino básico.

A pesquisa teve início em fevereiro de 2023, ao se iniciar o ano letivo, orientando-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa, sendo uma forma de pesquisa eficaz para estudar os aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, tendo como objetivo pesquisar qualitativamente fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura (Minayo, 1994).

A pesquisa qualitativa busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais e humanos, explorando as perspectivas, experiências, crenças, valores e comportamentos dos participantes envolvidos em seu ambiente natural (Minayo, 1994). Ela se baseia em métodos e técnicas que priorizam a coleta de dados descritivos, subjetivos e interpretativos, como

[5] Neste trabalho, primamos por buscar uma linguagem mais neutra na escrita, portanto, optamos por reduzir ao máximo palavras binárias, substituindo "professor/a" por "docente" e retirando os artigo de designação de gênero, sempre que possível.



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

entrevistas em profundidade, observação participante, análise de documentos, análise de narrativas, entre outros. A pesquisa qualitativa busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais e humanos, explorando as perspectivas, experiências, crenças, valores e comportamentos dos participantes envolvidos, em seu ambiente natural, tornando-se, assim, o método mais adequado para a presente pesquisa.

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário *online*. O questionário *online* foi escolhido como forma de coleta de dados para que o anonimato fosse preservado, uma vez que o convite para participação da pesquisa e o *link* do questionário foram disponibilizados em redes sociais, não havendo necessidade de qualquer identificação no formulário, seja nome ou *e-mail* do respondente. Dessa forma, buscamos evitar qualquer desconforto e constrangimento dos participantes, o que poderia afetar na realização da pesquisa. Vale ressaltar que esta pesquisa está vinculada a um projeto institucional de nossa Universidade, que teve o respaldo ético de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEFS), sendo o registro na Plataforma Brasil (CAAE) dado pelo seguinte número: 03613318.0.0000.0053. Ao final do prazo para coleta das respostas, obtivemos o retorno de 15 (quinze) questionários.

De acordo com Faleiros *et al.* (2016), o questionário *online* se constitui em um método de produção de dados que possibilita maior economia, autonomia, participação e agilidade no preenchimento e devolução das respostas em pesquisas acadêmicas, desde que se garanta à população participante o livre acesso à *internet*, potencializando assim o desenvolvimento das pesquisas na área da saúde, o que pode ser estendido a demais áreas de conhecimento.

Os participantes tiveram de dispensar um tempo estimado de 30 a 40 minutos para responder ao questionário. Este instrumento foi organizado em cinco seções, em que cada seção tem uma especificidade. Na primeira seção, o participante deveria responder a questões sobre sua carreira acadêmica; a segunda seção tem como assunto central o ensino do sistema genital nas aulas de Ciências e Biologia, e como esse conteúdo é abordado em aula. Vale ressaltar que cada participante só respondeu a quatro seções, pois duas seções são designadas de forma específica: uma seção (terceira) para pessoas menstruantes e outra seção (quarta) para pessoas não menstruantes. Já a quinta e última seção é designada para que o participante responda questões sobre a pobreza menstrual e seus conhecimentos e percepções sobre o assunto.

Para a realização da análise dos dados obtidos, uma das formas adotadas foi a análise qualitativa, que é uma abordagem de pesquisa utilizada em diversas áreas do conhecimento, como sociologia, psicologia, antropologia, educação, entre outras, que se concentra na compreensão profunda e detalhada dos fenômenos estudados, com ênfase na interpretação dos



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

significados e na compreensão dos contextos sociais, culturais e subjetivos em que esses fenômenos ocorrem (André, 1983).

Tomando os pressupostos da análise qualitativa, os dados produzidos por meio dos questionários foram inicialmente organizados a partir do agrupamento das respostas a cada questão, analisando quantitativamente os dados, gerando gráficos e/ou tabelas de frequência de respostas, em especial nas questões fechadas. Já as respostas abertas foram analisadas qualitativamente, investigando o conteúdo de cada resposta, conforme o sugerido pelo método Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2004), buscando nas respostas de cada questão distintas unidades de conteúdo, ou seja, distintos sentidos e percepções em torno dos temas abordados no questionário.

A partir das análises dos dados produzidos, os resultados foram categorizados tomando em consideração os temas abordados em cada seção do questionário, como: a abordagem dos sistemas genitais pelos professores, as percepções e experiências em torno do fenômeno da menstruação e, por fim, a compreensão dos docentes em torno da pobreza menstrual e seus desafios na escola.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão dos resultados obtidos no questionário, as análises serão apresentadas em tópicos conforme as categorias de análise. Assim, o primeiro tópico dedica-se às abordagens do sistema genital nas aulas. O segundo aborda as percepções e experiências de pessoas menstruantes e não menstruantes em torno da menstruação. O terceiro e último tópico foi dedicado a relatar situações envolvendo a pobreza menstrual.

Nesse trabalho, tivemos um retorno consideravelmente baixo de respostas, perfazendo um total de quinze respondentes. Tivemos maior participação de mulheres cis e homens cis: dez mulheres CIS (66,7%), três homens cis (20,0%), uma pessoa não binária (6,7%) e uma pessoa que preferiu não informar o gênero (6,7%). São docentes que cursaram licenciatura em Ciências Biológicas, ou que estão em processo de finalização da graduação, mas que já atuam em sala de aula há no mínimo um ano e meio até quinze anos. Assumem classes de Ciências e/ou Biologia, bem como de outros componentes curriculares afins, decorrentes da reformulação do Ensino Médio no estado da Bahia, como Iniciação Científica, Meio Ambiente e Práticas Integradoras, componentes compreendidos como interdisciplinares.

### Abordagem do Sistema Genital



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

Na seção sobre a abordagem do sistema genital, foi tratada e analisada a importância de ensinar e as maneiras como docentes podem trabalhar esse tema. Na primeira pergunta "Na sua opinião, qual a importância de se abordar os sistemas genitais em sala de aula?", os participantes focaram suas respostas no conhecimento do corpo, prevenção, autocuidado, identificação de abusos sexuais e higiene, conforme relato abaixo:

> **Mulher CIS, 4 anos de sala de aula:** *Importante para o autoconhecimento, entendimento de como o corpo é formado e como o mesmo funciona, sua anatomia e processos fisiológicos. Esse ensino é importante também para a identificação de abusos sexuais.*

Muitas respostas trouxeram uma preocupação voltada à área da medicina, com foco na gravidez na adolescência e na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Essa é uma forma de abordagem muito presente nas salas de aula e livros didáticos, em que o ensino do sistema genital tem um foco mais fisiológico, deixando a identidade de gênero e a sexualidade de lado. Nesse sentido, é importante destacar os desafios impostos a cada docente ao abordar o tema, levando em consideração que, conforme defendido por Silva e Silva (2020, p. 490), os livros didáticos, principal material de apoio nas salas de aula, trazem uma abordagem conceitual reducionista desses temas, apelando para um "pensamento biologizante [que] se afasta grandemente das questões históricas, sociais, religiosas e econômicas que poderiam ser trabalhadas a partir desta temática". Isso se constitui num sério problema, já que em determinados momentos a falta de um aprofundamento no ensino do sistema genital pode afastar pessoas menstruantes do conhecimento do seu corpo e do seu ciclo, podendo enfatizar um problema social.

Ao se tratar de como e se já abordaram sobre o sistema genital nas aulas, obtivemos amplas respostas quanto à forma do ensino. Um dos participantes relata que ainda é um tabu falar sobre o conteúdo em sala de aula, o que foi presente também em outras respostas de outros participantes.

> **Homem CIS, 3 anos de sala de aula:** *É um tema bastante complicado de se tratar em sala de aula por ser polêmico e a sociedade tê-lo como um tabu, então é notório o desconforto dos alunos e também a dispersão com piadas sobre. Sempre procuro uma maneira de ganhar a confiança deles e passar o conteúdo de uma maneira mais natural possível, com auxílio do material didático quando possível, rodas de conversas etc.*

A compreensão de temas relacionados ao sistema o genital, corpo e sexualidade como tabu é bastante difundida na escola, de modo que tem sido foco de muitos estudos, entre os quais citamos o de Martines e Rossarolla (2018), que desenvolveram uma pesquisa-ação colaborativa junto a estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

Amazônico, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Essas autoras constataram as dificuldades e anseios dos licenciandos em abordar o tema da sexualidade, dando destaque às falas dos participantes da pesquisa quanto ao medo que docentes e escola possuem dos pais, solicitando que temas controversos como este sejam exclusivamente abordados por bolsistas do PIBID. Esses relatos comprovam o desconforto ainda presente entre docentes ao abordar o tema, o que constitui um desafio à formação cidadã de estudantes da educação básica.

Nessa mesma direção, muitas das respostas coletadas apontam para uma preocupação de como abordar os conteúdos e como facilitar o entendimento e assim evitar situações delicadas que podem prejudicar a aprendizagem.

> **Homem CIS, 1 ano e meio de sala de aula:** *De uma forma menos conteudista e com mais ilustrações fazendo eles perceberem como funciona e eles não terem um olhar somente sexual.*

Ressaltamos aqui a preocupação que docentes possuem de ultrapassar uma abordagem que denominam "conteudista", aqui entendida como centrada nos conteúdos conceituais do campo disciplinar da Biologia. É importante destacar que esta temática exige de docentes um olhar mais amplo da Biologia escolar, mais humanizada e pautada num viés multidimensional e intercultural, como sugerem Valença e Azevedo (2022):

> Compreendemos que as tecnologias curriculares oferecidas [em nossa pesquisa] representam um avanço significativo em direção a um ensino de Biologia mais libertário e democrático, capaz de fazer despertar nos estudantes sentimentos de acolhimento e pertencimento ao trabalhar com essa temática. [Torna-se] cada vez mais premente [...] tensionar o trabalho em sala de aula com as sexualidades, a fim de explorá-las de modo multidimensional e intercultural, entendendo as diferenças nas identidades sexuais e de gênero enquanto conhecimentos escolares. [...] É neste sentido que entendemos/pensamos este estudo como uma espécie de ponte entre o ensino de Biologia que temos hoje e o um ensino de Biologia que queremos, mais humanizado, articulado e atendo às novas demandas dos dias atuais (Valença; Azevedo, 2022, p. 1165-1166).

Cabe ressaltar ainda a preocupação de docentes com uma abordagem visual/ilustrativa para abordar o tema, possibilitando uma melhor percepção sobre o corpo e uma aproximação aos conteúdos anatômicos. Entretanto, é importante estar atento a possíveis incoerências ou descontextualizações presentes nas ilustrações, em especial aquelas presentes nos livros didáticos utilizados como fonte de apoio, que, de acordo com Silva, Neves e Silva (2022), podem apresentar antropomorfizações, erros conceituais e falta de informações fundamentais para uma compreensão mais adequada do sistema genital.

A preocupação de apresentar o conteúdo com fácil entendimento, ultrapassando os métodos presentes em livros didáticos e de modo menos conteudista pode fazer com que o



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

assunto fique mais leve e fácil de se trabalhar com os estudantes, abrindo espaço, inclusive, para a contextualização do problema da pobreza menstrual nas aulas sobre o sistema genital.

A maior preocupação do corpo docente das escolas é como utilizar os materiais disponíveis para poder lecionar, sendo um dos métodos mais usados o livro didático. Na pergunta: "O atual material didático usado em suas aulas é adequado para sanar dúvidas referentes a mudanças do corpo com a puberdade? Como ele traz o conteúdo sobre menstruação?" As respostas sobre como os participantes utilizam o que está disponível para efetuar seus trabalhos apresentam, em sua maioria, o livro didático, que em muitas situações é um conteúdo curto e focado apenas no ciclo menstrual e na gravidez, sendo não voltado para questões sociais. Vale destacar uma resposta em especial, em que a docente destaca a relevância de ressaltar o tema da menstruação e aponta para a necessidade de pensar questões referentes aos produtos menstruais e saneamento básico, o que nos sugere um diálogo com a questão da pobreza menstrual, essencial para contextualizar de modo crítico o ensino de Biologia:

> **Homem CIS, 3 anos de sala de aula:** *Geralmente o material didático disponível é o próprio livro didático, considero o conteúdo disponível nos livros muito básico, na maioria das vezes apenas com informações sobre ciclo menstrual.*
>
> **Mulher CIS, 9 anos de sala de aula:** *Os livros tratam de forma superficial. Ficam muito mais na reprodução e um pouco sobre prevenção da gestação. Menstruação e toda discussão sobre o tema é abordado de forma simplória. Acredito que não foi pensando a questão social na elaboração do livro e nivelaram a abordagem como se todas as pessoas menstruantes tivessem os mesmos acessos a conversas sobre o tema, produtos menstruais e saneamento básico.*

Além de todas as questões com as formas de aplicar o conteúdo usando o livro didático, os docentes se deparam com as questões que permeiam o conteúdo do sistema genital e envolvem o debate em torno da sexualidade, como a ausência de diversidade de gênero, o que torna cada vez mais o conteúdo algo binário.

> **Mulher CIS, 2 anos de sala de aula:** *além dos livros estarem totalmente desatualizados, os professores muitas vezes não procuram introduzir a diversidade de gênero ao se tratar do assunto e isso faz com que eles discutam apenas sobre os corpos CIS.*

Este tema costuma gerar desconforto e vergonha por parte dos estudantes, já que se trata de um conteúdo que fala sobre sexo, puberdade, mudança corporal e sexualidade, portanto, algumas reações são previstas, como alvoroços ou piadas ou até mesmo reações de medo devido à possível reação familiar, o que aproxima os resultados encontrados neste estudo com aqueles relatados por Martines e Rossarolla (2018).



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *A maioria dos alunos ficam receosos por conta da família.*
>
> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *[...] principalmente em relação ao medo que as escolas têm dos pais. Porém isso não deve impedir nosso trabalho didático em sala de aula. Os estudantes podem ter um pouco de vergonha inicialmente, mas a partir do momento em que mostramos que somos confiáveis, eles/elas começam a se abrir para abordar as diferentes temáticas que contemplam a sexualidade humana.*
>
> **Mulher CIS, 15 anos de sala de aula:** *Os alunos ainda resistem a aprofundar sobre isso em sala de aula. Os pais dos alunos ainda tentam controlar os conteúdos abordados pelos professores relacionados a esse assunto.*

Pelos relatos apresentados, é possível perceber que o assunto "sistema genital" é rodeado de tabus que estão intimamente ligados à vivência do estudante dentro de casa com seus familiares, que em muitos casos associam o conteúdo ao ato sexual.

Justamente para compreender como é a vivência do estudante com seus familiares, um dos métodos que pode ser adotado por professores é acolher os conhecimentos prévios dos estudantes, para que assim possa incluir o social com o assunto de forma mais tranquila. Ao perguntar às pessoas participantes se o conhecimento prévio era considerado, obtivemos uma resposta positiva por 80% (n=15) delas. O questionamento prévio facilita a introdução do conteúdo e até mesmo o entendimento dele – já que nesse momento os estudantes podem já iniciar um processo de retirada de dúvidas.

## Abordagens em Torno do Ciclo Menstrual e da Menstruação

Ao falar sobre menstruação, a situação não é muito diferente. Ela geralmente é abordada com foco na prevenção da gravidez na adolescência. Docentes sempre procuram a melhor maneira para abordar o conteúdo, utilizando mecanismos que chamem a atenção dos estudantes. Alguns participantes procuram usar meios como dinâmicas, jogos e sequências didáticas para introduzir o conteúdo e fugir do tradicional, que é voltado para prevenção e área médica. Como relata a docente:

> **Mulher CIS, 2 anos de sala de aula:** *Apresento a temática de forma dinâmica, apresentando conceitos importantes, tanto no campo científico, como no social, levando em consideração* ***outros corpos além do feminino****, e as problemáticas presentes dentro do tema* (grifo nosso).

Para tornar a abordagem mais contextualizada e inclusiva, docentes também buscam desenvolver uma didática voltada para o socioemocional. Assim, pessoas menstruantes que estejam desconfortáveis com o conteúdo podem ser acolhidas obter um maior aprendizado com o que foi exposto em sala de aula.



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Tento explicar de forma dinâmica a parte fisiológica e abro para o diálogo sobre questões socioemocionais. Sempre tento conscientizar os/as estudantes* ***para que não reproduzam falas machistas acerca da menstruação****. Tento desmistificar estes assuntos para que os/as estudantes compreendam é algo normal da vida. Para as pessoas menstruantes,* ***tento sempre romper com a ideia de que o corpo que menstrua é sujo ou nojento*** *e também dou dicas de como atravessar esse processo. Sempre lembro que, um profissional ginecologista deve acompanhar a pessoa menstruante* (grifo nosso).

Percebe-se nas respostas que, apesar de o currículo escolar ainda ser centrado numa perspectiva higienista, os docentes almejam ultrapassar essa abordagem do tema do ciclo menstrual e menstruação. Eles compreendem que este é objeto de debates sociais importantes, já que a menstruação é uma experiência de quase metade da população mundial, percebida de modo muito particular e diverso, dependendo do contexto histórico e cultural das sociedades. Neste sentido, Orozco e Cassiani (2021) defendem a necessidade de abordagens mais plurais sobre o tema na escola, afastando-se do imaginário construído de que o ensino de Biologia, na sua vertente biomédica, higienizante e heteronormativa, seria o único espaço possível para o conhecimento sobre o menstruar. Esse modo de pensar o ensino de Biologia, para esses autores, causa diversos problemas. Dentre eles estão a associação de assuntos como sexualidade e corpo a sentimentos como medo e vergonha, uma compreensão limitada das relações de poder e de violência que a ciência produz sobre os corpos que menstruam, causando um disciplinamento desses corpos, bem como uma hierarquização e um silenciamento de saberes sobre o processo do menstruar, para além dos saberes biomédicos.

Essas questões estão de algum modo presentes em algumas respostas de docentes neste estudo, que buscam ultrapassar os padrões da heteronormatividade impostos. Eles procuram problematizar com os alunos a questão dos "corpos além do feminino", a "reprodução de falas machistas" e a ideia incutida de que o processo da menstruação é "nojento", como destacado em algumas respostas. Essas preocupações e problematizações de docentes expressas nas respostas ao questionário possibilitam compreender como urgente e fundamental uma abordagem da menstruação no ensino de Biologia que ultrapasse uma percepção normatizante de corpo, de gênero e do ciclo menstrual, tal como propõe Zallocco (2019), buscando debater questões de relevância social, tais como:

> Quem ou o que determina o que pode ser conhecido, ou estudado, acerca da menstruação? Qual é a informação válida, científica e factível de ser ensinada? Com que corpos? Como se chega a conhecer o ciclo menstrual? Existe uma única forma? O que vale a pena saber? Por que a menstruação é vista como uma ruptura da normalidade? Acaso queremos que seja normalizada? Podemos aproveitar o estranho, o abjeto? (Zallocco, 2019, p. 248, tradução nossa)



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

A partir destes questionamentos, a autora reconhece que as pessoas menstruantes necessitam de uma abordagem *queer*, para que o processo do menstruar deixe de ser silenciado na escola e no ensino de Biologia. De algum modo, é possível perceber algumas preocupações de docentes nessa direção.

Ao tratar sobre menstruação, sistema genital e sexualidade, docentes se deparam com dúvidas e, em alguns casos, com situações vividas pelos estudantes, que podem carregar conhecimentos populares cheio de estigmas e mitos. O assunto é dominado por pessoas menstruantes, que em muitas situações são aquelas que possuem mais dúvidas, enquantos pessoas não menstruantes acabam descobrindo e conhecendo mais sobre um corpo que não é igual ao seu, como é relatado abaixo:

> **Homem CIS, 1 ano e meio de sala de aula:** *já que trabalho somente com meninos eles trazem pouco conhecimento, e geralmente nem sabem que existe um ciclo.*

Esse conteúdo também pode expor problemas sociais como o machismo, que causa constrangimento e até mesmo afastamento das pessoas menstruantes ao conhecimento e aprendizado, evidenciando o caráter normatizante dos corpos historicamente reproduzido em nossa sociedade e destacando a necessidade de inserir uma abordagem da menstruação que foque numa perspectiva de justiça social, conforme sugerem Orozco e Cassiani (2021), superando discursos normativos e preconceituosos como “que é nojento, que é fedorento”.

> **Mulher CIS, 2 anos de sala de aula:** *Como conhecimento prévio, uma linguagem chula, piadas machistas ou sexistas, daí faço uma ponte sobre o que a ciência diz sobre o que é aceitável, e o incorreto.*

> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Não trazem por acharem que já sabem de tudo ou, quando trazem, são dúvidas sobre preconceitos disseminados pela família, como: menstruação é suja.*

É importante entender que, ao falar sobre ciclo menstrual, sexualidade e pobreza menstrual, podem surgir desconfortos para as pessoas menstruantes, uma vez que esses temas são atravessados por inúmeros tabus, em especial pelos preconceitos e atravessamentos machistas, como explicitados nas falas de docentes acima. Além disso, as principais dúvidas apresentadas por estudantes, de acordo com a maior parte das respostas de docentes, seguem um padrão biomédico, voltado para a prevenção de uma gravidez indesejada, reforçando uma compreensão normatizante e disciplinadora dos corpos das pessoas menstruantes, destacada por diversos autores e autoras (Orozco; Cassiani, 2021, Zallocco, 2019, Ribeiro *et al.*, 2016).

> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Primeiramente, quando a turma tem mais homens, a vergonha é maior por parte das meninas (que quanto mais novas, menos falam). Quando há uma aproximação mais com a professora, as dúvidas são fora da*



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

> *aula ou fora da sala. Desmistificar que menstruação não é nojento ou incapacitante, são o tema central dos momentos tira-dúvidas.*
>
> **Homem CIS, 1 ano e meio de sala de aula:** *As dúvidas dos meninos geralmente estão ligadas a gravidez e ele tem um pouco de recenseio em falar sobre menstruação com os professores. Geralmente dúvidas como a regulação da menstruação e gravidez são presentes.*

## Percepções em Torno da Menstruação e da Pobreza Menstrual

A questão da pobreza menstrual deve ser informativa e acolhedora, para que assim as pessoas menstruantes se sintam confortáveis em dialogar, tirar suas dúvidas e lidar com seu corpo na fase menstrual. Para isso, as escolas deveriam estar preparadas para serem pontos de acolhimento. Infelizmente, não é o que acontece no dia a dia da maioria das escolas, conforme relatam docentes participantes da pesquisa.

> **Não binário, 3 anos de sala de aula:** *Nunca vi* [nada sobre pobreza menstrual]*, só quando foi houve o diálogo sobre a distribuição de absorventes, no máximo.*

Dentre as respostas, houve apenas uma positiva, em que uma docente informa o desenvolvimento do Projeto Dignidade Menstrual na escola em que leciona:

> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *A gestão é composta integralmente por mulheres CIS, que conhecem a realidade local das alunas. Esse tema sempre foi discutido e acolhido com muito diálogo. Casos como a menina menstruou e não estava preparada, sempre houve liberação para irem para casa, sem divulgação da aluna envolvida.*

O Projeto Dignidade Menstrual foi lançado como política pública do Governo do Estado da Bahia em 2021, elaborado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Bahia (SPM-BA), com o apoio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), que visa, em sua primeira etapa, distribuir mensalmente absorventes a estudantes da rede pública de ensino, em situação de pobreza ou extrema pobreza. Além da distribuição de absorventes, o projeto conta com uma campanha educativa, por meio da produção de cartilhas que visam o combate à violência contra as mulheres (Bahia, 2021a). Destaca-se neste projeto a produção das cartilhas "**Vamos falar sobre menstruação?**" (Bahia, 2021b) e "**Menstruação não é só para meninas**" (Bahia, 2021c), que visam auxiliar as escolas a enfrentarem o problema da Pobreza Menstrual. Infelizmente, este Programa ainda não tem o alcance que deveria, pelo menos pelo que indicam as respostas dos questionários analisados neste estudo.

Os docentes ainda foram convidados a responder se eram pessoas menstruantes ou não menstruantes. Essa pergunta possibilitou o encaminhamento para seções específicas sobre menstruação e suas experiências próprias em situações envolvendo menstruação. Cerca de 66,7% dos participantes são pessoas menstruantes.



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

Ao responder sobre constrangimentos passados durante a menstruação, boa parte das pessoas menstruantes responderam ou relataram uma situação de desconforto causada pela menstruação, incluindo até mesmo faltas em compromissos diários. Foi possível perceber em quase todas as respostas que a menstruação, apesar de natural, é sempre silenciada, disciplinada, considerada tabu, já que, como afirma Zallocco (2019), numa sociedade normativamente masculina, o preço da aceitação de uma mulher como normal é que permaneça escondida como pessoa menstruante.

> **Mulher CIS, 3 anos de sala de aula:** *isso foi na minha adolescência. Pouco sabia sobre a menstruação e as pessoas ao redor sempre tiveram muito tabu em relação ao sangue da menstruação. Logo, estava em sala de aula e ao levantar percebi que tinha vazado e isso foi motivo de gargalhadas por parte dos alunos em sala, o que acabou me deixando desconfortável. Acredito que se fosse um assunto abordado com frequência a reação de muitos seria diferente.*
>
> **Mulher CIS, 4 anos de sala de aula:** *Lembro que como fui uma das primeiras a menstruar na minha turma e entre as primas da mesma idade sempre me sentia desconfortável ao falar sobre isso, além de tentar esconder ao máximo na escola que ia ao banheiro trocar de absorvente e morrer de medo que a menstruação vazasse em ambientes públicos.*
>
> **Mulher CIS, 15 anos de sala de aula:** *Menstruação muito forte que mancha a roupa. Cólicas fortes que atrapalharam aula e trabalho.*

Além das situações constrangedoras, a menarca ter ocorrido em uma fase precoce (na infância) é algo desconfortável e traumático, o que marca a vida dessas pessoas menstruantes, que mal sabem o que está acontecendo com seu organismo nessa nova etapa fisiológica. Algumas respostas mostram exatamente uma sensação de angústia e até mesmo temor diante dessa situação. A falta de comunicação e informação é um dos maiores problemas enfrentados nesse momento.

> **Mulher CIS, 4 anos de sala de aula:** *Horrível pois menstruei com 10 anos e não queria menstruar, no entanto minha mãe tratou o assunto com muita naturalidade e me deu todas as informações e o suporte necessário.*
>
> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Foi difícil, pois eu estava longe de minha mãe, mas minha prima e minha avó ficaram do meu lado o tempo todo. Fora isso, foi um pouco constrangedor ouvir os comentários de "virou mocinha".*

No decorrer dos anos, lidar com a menstruação pode até fornecer uma maior autonomia, mas isso não quer dizer que lidar com a menstruação tenha sido fácil ou mais calma, pois os recursos ainda não são tão acessíveis, e em alguns casos, os efeitos da menstruação atrapalha a rotina da pessoa menstruante.

> **Mulher CIS, 4 anos de sala de aula:** *O momento pré-menstrual me deixa um pouco deprimida, mas com os anos eu aprendi a lidar melhor. Fui diagnosticada com um*



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

> *princípio de endometriose, então ultimamente sinto muita dor no primeiro dia da menstruação.*
>
> **Mulher CIS, 3 anos de sala de aula:** *Lido muito bem com os hormônios da menstruação, porém o mesmo não acontece com a menstruação, queria de fato não menstruar por causa do fluxo e cólicas intensas.*

Quando foi perguntado aos docentes sobre distribuição de materiais menstruais nas escolas, tanto menstruantes como não menstruantes concordam que as escolas deveriam ter uma distribuição facilitada em suas instituições. Para metade das pessoas menstruantes que participaram desta pesquisa, ter acesso aos materiais menstruais ainda é uma dificuldade, até mesmo pela menstruação chegar sem que estivessem preparadas.

Ao responder sobre valores de absorventes no mercado, participantes menstruantes percebem claramente que o valor é muito alto, se comparado a outros itens de higiene pessoal, sendo que 80% dos respondentes não consideram justo o valor. Por outro lado, quando a mesma pergunta é feita a pessoas não menstruantes, 60% não consideram justo, enquanto 40% não sabem responder. O mesmo padrão de respostas encontramos quanto às pessoas participantes são questionadas se já forneceram absorventes para pessoas menstruantes em algum momento. Enquanto 100% das pessoas menstruantes responderam que sim, já forneceram absorventes para auxiliar uma situação envolvendo menstruação, apenas 60% das pessoas não menstruantes respondem que já auxiliaram pessoas nestas situações.

Quando questionades sobre a pobreza menstrual, notamos que todes docentes já possuíam um conhecimento prévio sobre o assunto. As respostas apresentadas deixam claro que já possuíam informações importantes sobre o que significa pobreza menstrual como um problema social, como podemos perceber nos relatos abaixo.

> **Mulher CIS, 3 anos em sala de aula:** *A pobreza menstrual está relaciona com a falta de condições para realizar a higiene menstrual da forma adequada, visto que essas pessoas muitas vezes não possuem os itens necessários para fazer essa higiene, como absorventes e até mesmo a falta de saneamento básico. Acredito que a falta de conhecimento sobre a temática também faça parte do assunto.*
>
> **Homem CIS, 3 anos de sala de aula:** *Entendo que a pobreza menstrual está relacionada com a falta de conhecimento e acesso a materiais de higiene para pessoas menstruantes.*

Entretanto, ao abordarmos as vivências cotidianas de docentes em torno do tema, a maioria das respostas indica que docentes não passaram por situações de pobreza menstrual, exceto pelos relatos de cinco docentes, mulheres cis, dentre as quais destacamos três:

> **Mulher CIS, 2 anos de sala de aula:** *[...] já fui uma pobre menstrual. E já fiquei sem ir à escola porque não tinha absorvente.*



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Usando panos de algodão. Comecei a trabalhar cedo para adquirir absorventes e de melhor qualidade" ().*
>
> **Mulher CIS, 3 anos de sala de aula:** *[...] infelizmente a pessoa não tinha acesso ao absorvente no período menstrual. Na época, falei com minha mãe e conseguimos providenciar alguns pacotes para auxiliar no ciclo".*

Com base nas vivências de docentes, foi perguntado: "a pobreza menstrual poderia afetar o cotidiano e a aprendizagem das pessoas menstruantes na escola? Se sim, como? Se não, por quê?" Obtivemos uma resposta unânime que sim, a pobreza menstrual poderia interferir no cotidiano de pessoas menstruantes e em seu aprendizado.

> **Mulher CIS, 1 ano em sala de aula:** *Sim, uma vez que o estudante que menstrua esteja nesse local de vulnerabilidade não conseguirá participar do ambiente escolar nesse período, perdendo aulas, trabalhos, provas, socializações.*
>
> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Sim! Geralmente pessoas que estão em situações de pobreza menstrual não irá frequentar a escola por conta do período menstrual e isso pode causar evasão.*
>
> **Mulher CIS, 5 anos de sala de aula:** *Sim, pois sem poder conter o fluxo ou melhorar as cólicas, a pessoa menstruante pode perder dias de aula, prejudicando seu desempenho na escola.*

Fica evidente nas respostas a preocupação de docentes com a questão da pobreza menstrual, tornando urgente a adoção de medidas para solucionar ou minimizar o problema nas escolas. Iniciativas de projetos e políticas públicas como o citado por uma docente são um passo importante para essa resolução, mas cabe também às escolas e docentes desenvolver estratégias para dar visibilidade a este problema, uma vez que diversos autores e autoras vêm apontando para os danos que a pobreza menstrual pode ocasionar no processo de aprendizagem das pessoas menstruantes, seja pelo absenteísmo, pelo acirramento das desigualdades de gênero, pelas desigualdades sociais e econômicas que acarretam às pessoas menstruantes (Assad, 2021, Silva; Lopes; Oliveira Jr., 2022). Desse modo, torna-se fundamental um ensino de Biologia que rompa com perspectivas biomédicas e esteja atento às demandas sociais de estudantes, numa perspectiva de justiça social, garantindo a igualdade de gênero, a saúde e o bem-estar de todas as pessoas menstruantes (Orozco; Cassiani, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito o que ser discutido sobre pobreza menstrual e o ato de menstruar, uma resposta corporal e hormonal que deveria ser vista como natural, quando na verdade a sociedade binária e masculina a define como "estranha". O processo de menstruar exige um grande entendimento do corpo e da mente, e de como as pessoas menstruantes são vistas em


Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2024
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

sociedade. Assim, a discussão sobre a pobreza menstrual ainda passa por uma invisibilidade, já que o fluxo menstrual se tornou normalizado e invisibilizado pela rotina corrida, e os diversos modos de controle social impostos a este fluxo, muitos dos quais pouco acessíveis à grande parcela de pessoas menstruantes, potencialmente excluem estas pessoas do convívio social, tornando-se um grave problema social que demanda respostas não apenas do poder público, da sociedade, mas também das escolas e de docentes das diversas áreas de conhecimento.

Nesse sentido, retornando os objetivos desta pesquisa, foi possível analisar as diferentes percepções sobre menstruação, pobreza menstrual e produtos menstruais bem destoantes entre pessoas menstruantes e pessoas não menstruantes, sendo notória uma propriedade maior sobre o ato de menstruar entre menstruantes. Participantes menstruantes, com seus relatos pessoais, deixam visível como a sociedade não está preparada para lidar com o menstruar, como são cotidianamente normalizadas a esconder ou a invisibilizar os processos naturais do corpo menstruante, lidando e sofrendo com a dor física e psicológica, com a vergonha e os inúmeros desconfortos que podem ocasionar esse processo de controle social de corpos.

Os resultados obtidos a partir da análise dos questionários apresentaram que a maioria de docentes tem maneiras semelhantes ao abordar o conteúdo sistema genital em sala de aula, com metodologias variadas para melhor compreensão de estudantes, entretanto ainda com um foco na prevenção da gravidez e do risco de IST's, além de apresentar aos discentes um autoconhecimento corporal e como identificar possíveis situações de abusos. Percebemos ainda que existe uma necessidade de atualizar os materiais didáticos para melhor entendimento do conteúdo, ultrapassando o viés biomédico, trazendo perspectivas socioculturais que levem em consideração a vivência de estudantes, para facilitar a comunicação entre docente e discentes.

No que diz respeito à menstruação, foi observado um domínio maior entre docentes menstruantes, por vivenciar mensalmente a menstruação e terem tido diversas situações envolvendo a menstruação. Já docentes não menstruantes mostraram um domínio menos aprofundado, envolvendo poucas situações com a menstruação, mas oferecendo uma segurança para as pessoas menstruantes.

Esta pesquisa proporcionou uma visão mais ampla da compreensão destas pessoas participantes em torno do menstruar e da pobreza menstrual, resultando em informações importantes da vivência trazida por elas em sala de aula e no cotidiano escolar, na busca de desenvolver diferentes abordagens sobre o tema e contribuir para reflexões sobre o papel da



Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081015, Jan.-Dez., 2023
**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

docência e da ciência no diálogo sobre a estranheza que é a menstruação diante de uma sociedade cada vez mais binarizada, e que procura normalizar a vida com uma perspectiva masculina cis.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 45, p. 66-71, 1983. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1491/1485. Acesso em: 23. mai. 2024.

ASSAD, B. F. Políticas públicas acerca da pobreza menstrual e sua contribuição para o combate à desigualdade de gênero. **Revista Antinomias**, v. 2, n. 1, p. 140-160, 2021. Disponível em: https://antinomias.com.br/index.php/revista/article/view/21/21. Acesso em: 23. mai. 2024.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Governo da Bahia lança projeto de Dignidade Menstrual nas escolas da rede pública**. 2021a. Disponível em: http://estudantes.educacao.ba.gov.br/noticias/governo-da-bahia-lanca-projeto-de-dignidade-menstrual-nas-escolas-da-rede-publica#:~:text=O%20Governo%20da%20Bahia%20lan%C3%A7a,estudantes%20da%20rede%20p%C3%BAblica%20estadual. Acesso em: 23 mai. 2024.

BAHIA. Secretaria de Educação. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Vamos Falar de Menstruação?** (Saúde Menstrual é um Direito, vol. 1). 2021b.

BAHIA. Secretaria de Educação. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Menstruação não é só para meninas.** (Saúde Menstrual é um Direito, vol. 2). 2021c.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2004.

FALEIROS, F.; KÄPPLER, C.; PONTES, F. A. R.; SILVA, S. S. da.; GOES, F. dos S. N. de.; CUCICK, C. D. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto Contexto Enferm.**, v. 25, n. 4, p. 1-6, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/Hjf6ghPxk7LT78W3JBTdpjf/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 23. mai. 2024.

MARTINES, E. A. L. de M.; ROSSAROLLA, J. N. Sexo e sexualidade: tabu, polêmica ou conceitos polissêmicos? Reflexões sobre/para a formação de educadores. **Revista Exitus**, v. 8, n. 2, p. 273-299, 2018. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6399928.pdf. Acesso em: 23 mai. 2024.

MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1994.

OMS/UNICEF. **Progress on Drinking Water, Sanitation and Hygiene**: 2017. Update and SDG Baselines. Geneva: OMS e UNICEF, 2017. Disponível em: https://data.unicef.org/resources/progress-drinking-water-sanitation-hygiene-2017-update-sdg-baselines/. Acesso em: 23. mai. 2024.

OROZCO, Y.A.; CASSIANI, S. Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem? Outras abordagens sobre a menstruação no ensino de ciências e biologia. **Revista Bagoas**, v. 14, n. 22, p. 93-122, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22807/14390. Acesso em: 23 mai. 2024.


**ISSN:** 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378

RIBEIRO, P.R. C.; MAGALHÃES, J. C.; SILVA, E. P. de Q.; VILAÇA, T. O ensino de biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. **Bio-grafía**. Escritos sobre la Biología y su enseñanza, v. 9, n. 16, p. 77-86, 2016. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52190/1/2016-Ribeiro...Vilaca.pdf. Acesso em: 23 mai. 2024.

SILVA, J. V. F. da; LOPES, Y. D.V.; OLIVEIRA JR., **A pobreza menstrual como fator de violação de direitos humanos**: um olhar para adolescentes em ambiente escolar. 2022. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/baa2451b-7a34-42c5-b4d1-0e25854a16c4. Acesso em: 23 mai. 2024.

SILVA, J. V. da; NEVES, R. F. das; SILVA, E. F. de A. As imagens do sistema genital humano em livros de biologia: uma abordagem a partir da Teoria Cognitivista da Aprendizagem Multimídia (TCAM). **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 7, p. 54100-54119, 2022. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/50661/38052. Acesso em: 23. mai. 2024.

SILVA, C. C. da; SILVA, J. A. N. da. Abordagens conceituais sobre sexualidade, parentalidade e IST/AIDS em livros didáticos de ciências naturais. **SAJEBTT**, v. 7, n. 2, p. 480-508, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/3326/2530. Acesso em: 23 mai. 2024.

VALENÇA, C. R.; AZEVEDO, M. J. da C. Reprodução, corpo e sexualidades: diálogos curriculares com estudantes do Ensino Médio. **REnBio - Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, n. 2, p. 1147-1169, 2022. Disponível em: https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/868/307. Acesso em: 23 mai. 2024.

ZALLOCCO, O. B. Lo cuir de la menstruación en las aulas. **Revista de Educación**, Ano X, n. 18, p. 233-250, 2019. Disponível em: https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ/article/view/3758/3699. Acesso em: 23 mai. 2024.

Revista Macambira

| Informações do Artigo | Article Information |
|---|---|
| **Recebido em**:23/05/2024<br>**Aceito em**: 06/09/2024<br>**Publicado em**:09/09/2024 | **Received on**: 05/23/2024<br>**Accepted in**: 09/06/2024<br>**Published on**: 09/09/2024 |
| **Contribuições de Autoria**<br>*Resumo*: Alessandra Alexandre Freixo<br>*Introdução*: Joyce Vitória Soares Souza<br>*Referencial teórico*: Joyce Vitória Soares Souza<br>*Análise de dados*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Discussão dos resultados:* Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Conclusão*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Referências*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Revisão do manuscrito*: Alessandra Alexandre Freixo<br>*Aprovação da versão final publicada:* Alessandra Alexandre Freixo | **Author Contributions**<br>*Abstract/Resumen*: Alessandra Alexandre Freixo<br>*Introduction*: Joyce Vitória Soares Souza<br>*Theoretical Reference*: Joyce Vitória Soares Souza<br>*Data analysis*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Discussion of results*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Conclusion*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*References*: Joyce Vitória Soares Souza e Alessandra Alexandre Freixo<br>*Manuscript review:* Alessandra Alexandre Freixo<br>*Approval of the final published version*: Alessandra Alexandre Freixo |
| **Conflitos de Interesse**<br>Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito. | **Interest conflicts**<br>The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript. |
| **Como Citar este artigo - ABNT**<br>SOUZA, Joyce Vitória Soares; FREIXO, Alessandra Alexandre. Pobreza menstrual: percepções de docentes das disciplinas de ciências e biologia da educação básica de Feira de Santana, Bahia. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n.1, e081015, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378 | **How to cite this article - ABNT**<br>SOUZA, Joyce Vitória Soares; FREIXO, Alessandra Alexandre. Menstrual poverty: perceptions of science and biology teachers in basic education from Feira de Santana, Bahia. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n.1, e081015, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1378 |
| **Licença de Uso**<br>A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. | **Use license**<br>The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed. |